

Atividades circenses na escola: a prática dos professores da rede municipal de Campinas-SP

Circus activities in school: the teachers's practice of Campinas-SP municipal schools

CARDANI LT, ONTAÑÓN TB, SANTOS GR, BORTOLETO MAC. Atividades circenses na escola: a prática dos professores da rede municipal de Campinas-SP. *R. bras. Ci. e Mov* 2017;25(4):128-140.

RESUMO: Estudos recentes mostram que as aulas de Educação Física tem sido uma das principais “portas de entrada” dos saberes circenses nas escolas, indicando um crescente interesse por parte dos professores de Educação Física pelo ensino das atividades circenses. Embora a produção acadêmica nesse tema tenha aumentado significativamente, as particularidades da “pedagogia das atividades circenses” no contexto da Educação Física escolar ainda carecem de análises específicas. Visando contribuir com este tema, o objetivo desse trabalho foi analisar o ensino das atividades circenses nas aulas de Educação Física escolar no ensino fundamental (1º ao 9º ano) em escolas municipais de Campinas-SP. Do ponto de vista metodológico realizamos uma pesquisa de campo por meio de um questionário semiestruturado online respondido por 26 professores de Educação Física da rede municipal de ensino. Os dados obtidos foram analisados por meio de uma combinação da Análise de Conteúdo e da Estatística Descritiva. Constatamos que metade dos professores ministravam aulas de atividades circenses e que dentre as fontes referenciais utilizadas os vídeos e imagens disponíveis na internet e os livros foram as mais consultadas. A manipulação de objetos (malabarismos), as acrobacias e os equilíbrios (funambulismo) são os grupos de modalidades mais abordadas nas aulas. Os conhecimentos prévios e interesses dos alunos, a complexidade das práticas, os conhecimentos específicos dos professores e os recursos materiais disponíveis representaram critérios fundamentais para a seleção das modalidades a serem ministradas. Entre os professores que não abordavam a temática, encontramos que a maioria não teve formação na área não se sentindo competente para ensinar. Parece-nos, em suma, que os materiais didáticos precisam adequar-se às novas tecnologias disponíveis online, visando aproximar a produção acadêmico-científica da realidade escolar, e que é preciso atentar-se para a formação continuada dos profissionais.

Palavras-chave: Circo; Pedagogia; Ensino; Educação Física escolar.

ABSTRACT: Recent studies show that Physical Education classes have been one of the main "access doors" to circus knowledge in schools, indicating a growing interest on the part of Physical Education teachers by the teaching of circus activities. Although the academic production in this subject has increased significantly, the particularities of the "circus activities pedagogy" in the context of Physical Education still lacks specific analyzes. Aiming to contribute to this theme, the goal of this study was to analyze the teaching of circus activities in Physical Education classes in elementary school (1st to 9th grade) in municipal schools of Campinas-SP. From the methodological point of view, we conducted a field research through a semi-structured online questionnaire answered by 26 Physical Education teachers from the municipal education. Content Analysis and Descriptive Statistics were used as a technique for data analysis. We found that half of the teachers taught circus activities in classes, and among the referential sources used the videos and images available on the internet and the books were the most consulted. It has been reported that the manipulation of objects (juggling), acrobatics and balances (funambulism) are the most developed modalities in classes. The students' previous knowledge and interests, the complexity of the practices, the specific knowledge of the teachers and the material resources available were fundamental criteria for the selection of the modalities to be taught. Among the teachers who did not approach the subject, we found that most had no experience in the area, not feeling competent to teach. It seems to us, therefore, that textbook and courseware need to adapt to the new technologies available online, in order to bring academic-scientific production closer to school reality.

Key Words: Circus; Pedagogy; Teaching; school Physical Education.

Leonora T. Cardani¹
Teresa Barragán Ontañón¹
Gilson Rodrigues Santos¹
Marco A. C. Bortoleto¹

¹Universidade Estadual de
Campinas

Introdução

Nos últimos anos houve um aumento significativo dos espaços que oferecem práticas circenses e, consequentemente, um crescimento substancial do número de praticantes^{1,2}. Desse modo, além de 'novos' artistas e entusiastas, o circo vem atraindo a atenção de profissionais de áreas diversas, que de modo interdisciplinar, visualizam a contribuição que a arte – e o circo em particular – pode oferecer à educação³⁻⁵. Esse cenário possibilitou ainda o diálogo entre o circo e outros espaços, para além daqueles já consolidados, como a lona/picadeiro, ampliando seus objetivos, além do artístico, para questões de ordem social, educativas, terapêuticas, de lazer e até mesmo de condicionamento físico-estético⁶.

Atendo-se ao contexto educativo, parece-nos que a principal "porta de entrada" do circo na escola têm sido as aulas de Educação Física⁴, mostrando uma incipiente, porém interessante “re-aproximação” entre essas duas áreas⁷ que historicamente foram marcadas por “encontros e desencontros”^{8,9}. De maneira mais enfática, vemos como as últimas duas décadas revelaram que o trato das atividades circenses nas aulas de Educação Física teve um aumento exponencial, aparecendo como um conhecimento abordado em inúmeros projetos escolares^{6,10}. Ontañón¹¹ aponta, ademais, que esse processo faz parte de um amplo conjunto de conquistas no campo da educação corporal e estética, que vem permitindo, inclusive, a institucionalização da incorporação das atividades circenses como vemos, por exemplo, na proposta curricular do estado do Paraná de 2008.

Dentre as propostas pedagógicas que temos tido a oportunidade de acompanhar/conhecer, vemos uma busca pela efetivação da multidisciplinaridade, bem como pelo fomento da diversidade técnica, valorização do lúdico e das possibilidades estéticas da linguagem circense. Assim, percebemos que, um dos principais desafios que os professores têm enfrentado diz respeito às estratégias metodológicas e na adequação dos saberes do circo ao contexto escolar^{10,12}.

Cabe ressaltar que ao “entrar” na escola, o circo não manifesta o mesmo objetivo que norteia a formação artística própria das escolas profissionalizantes ou da atuação dos artistas “do picadeiro”. Foi por essa razão que empregamos o termo "atividades circenses", visando ressaltar o limite da atuação dos educadores nas escolas e a necessidade de significas adaptações pedagógicas que permitam um trato adequado ao contexto escolar¹³. Acreditamos desse modo, que os professores de Educação Física podem propor atividades inspiradas na linguagem secular do circo, contribuindo para que a experiência que durante muito tempo ficou restrita à contemplação possa ser vivida de modo prático, sem que resultados performáticos ou artísticos sejam almejados. Desta forma, entendemos que o ensino das atividades circenses no âmbito da Educação Física não deve ser orientado à formação de artistas¹²⁻¹⁶ e sim da ampliação do acesso à cultura corporal e do fomento às práticas artísticas, ainda pouco presentes no âmbito da Educação Física escolar.

Outro aspecto relevante é que a condição acima indicada não é uma realidade exclusiva do Brasil, mas um fenômeno que vem ganhando protagonismo em muitos outros países^{1,3,5,11,17,18}. Os argumentos que sustentam tal aproximação são múltiplos, dentre eles se destacam o circo como uma “renovada” forma de educação motora (coordenação, lateralidade, equilíbrio,...) e a possibilidade de apropriação de uma parte da cultural pouco presente no cotidiano escolar^{12,19}. De fato, muitos desses educadores sustentam que o circo, como patrimônio cultural da humanidade²⁰, deve ser abordado na escola, posição respaldada pelo Conselho Nacional de Educação do Brasil²¹ quando explicita que as instituições escolares devem se aprofundar nas formas de expressão, criatividade, valorização das manifestações culturais. Um esforço que tem ajudado o circo em sua longa jornada em busca de seu reconhecimento como arte e, por conseguinte, como parte do legado cultural da sociedade contemporânea⁴.

Duprat e Gallardo¹ e Ontañón^{11,17} destacam as atividades circenses como um conjunto de conhecimentos que podem contribuir para diversos dos objetivos próprios da Educação Física escolar, permitindo ainda o acesso a parte do patrimônio cultural da humanidade. Neste sentido, Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo¹⁶ destacam que as atividades

circenses devem ser tratadas como uma oportunidade de vivência, experiência e descoberta de novas formas de expressão e de conhecimento do corpo e de suas possibilidades. Em consonância, Duprat e Gallardo¹, Price², Bortoleto e Machado⁴ e Fouchet⁵ afirmam que estas práticas devem acontecer de forma introdutória, enfatizando aspectos relativos à expressão corporal e possibilitando o desenvolvimento da criatividade e a diversificação das práticas corporais abordadas em aula. Ademais, Invernó³ e Duprat e Gallardo¹ complementam discorrendo sobre a importância das atividades circenses para o desenvolvimento das habilidades coordenativas, da consciência corporal e das competências comunicativas e expressivas, que em seu conjunto podem contribuir sobremaneira para o processo educativo²².

Seja por qualquer uma das razões anteriormente apresentadas, ou pelo conjunto delas, é notável que a abordagem das atividades circenses no contexto escolar vem ganhando relevância. Entretanto, estudos recentes apontam que essa aproximação pedagógica vem sendo realizada com escasso rigor teórico-metodológico, podendo incorrer em equívocos históricos, técnicos, estéticos, artísticos e também sobre a segurança dos praticantes^{23,24}. Parece-nos ainda, que os caminhos dialógicos entre a incipiente produção científica e a prática docente apresentam fragilidades que requerem análises atentas e específicas.

Considerando o exposto anteriormente, o objetivo desse trabalho foi analisar o ensino das atividades circenses nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental (1º ao 9º ano) em escolas municipais da cidade de Campinas-SP. De maneira específica, perpassando por um levantamento dos professores de Educação Física da rede municipal que abordam essa temática em suas aulas; visando ademais conhecer os recursos materiais e estruturais disponíveis, averiguar as modalidades circenses abordadas e, por fim, debater as estratégias metodológicas empregadas e os referenciais adotados pelos docentes.

Materiais e métodos

A pesquisa se caracteriza como uma pesquisa descritiva e de natureza qualitativa²⁵, especificamente, realizamos uma pesquisa de campo tendo como instrumento de coleta de dados um questionário semiestruturado *online*, como define Kidder²⁶. O questionário foi elaborado inspirando-se nos estudos anteriores de Duprat²⁷, Ontañón¹¹ e Milani²⁸. O questionário foi composto por 20 perguntas concisas, de fácil compreensão, que pretendiam nos oferecer respostas coerentes com os objetivos elencados anteriormente.

Mediante os contatos previamente obtidos junto a Secretaria Municipal de Educação, enviamos um convite por *e-mail* para 93 professores da rede municipal de Campinas-SP dos quais 26 informaram seu interesse em participar da pesquisa. Para aqueles que aceitaram o convite, enviamos outra mensagem contendo um *hiperlink* que permitia acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - cujo aceite era compulsório para poder responder ao questionário em sua versão *online*²⁹. O tempo de resposta ao questionário não superou 15 minutos, tendo sido esse o principal instrumento para a obtenção dos dados empíricos que fundamentam as análises realizadas.

Cabe mencionar que a cidade de Campinas-SP, cuja população é de aproximadamente 1,2 milhões de habitantes³⁰, conta com 40 escolas municipais de Ensino Fundamental³¹. A Educação Infantil e o Ensino Médio não foram considerados nesta pesquisa, uma vez que, no caso da Educação Infantil e de acordo com a LDB 9394/96, a Educação Física está associada à proposta pedagógica das escolas sendo ministrada por professores polivalentes e o poder municipal não se responsabiliza pelo Ensino Médio. Ressaltamos que esta cidade é considerada um importante polo de pesquisa, principalmente devido à presença da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), tendo em alguns cursos superiores de Educação Física da região o ensino das atividades circenses³². Além disso, trata-se de uma cidade/região onde há um crescente oferecimento de cursos livres e de formação continuada, seminários e encontros voltados para a temática circense, o que nos sugere uma maior difusão dos saberes circenses em diversos âmbitos, inclusive na educação formal³³.

Os sujeitos participantes da pesquisa foram professores de Educação Física regularmente concursados, contratados e que atuavam no ano de 2016 no Ensino Fundamental da rede municipal de Campinas-SP. Pelo aceite em contribuir com a pesquisa os pesquisadores comprometeram-se em retornar às instituições e aos professores participantes os resultados obtidos com a pesquisa. Ademais, como contrapartida pela participação no estudo foi oferecido gratuitamente um curso de 4 horas de duração sobre o assunto. Essa estratégia foi tomada, considerando as dificuldades que vem sendo enfrentadas em obter a participação dos docentes em estudos similares^{28,34}. O curso também serviu para ampliar a rede de contatos dos docentes, bem como para oferecer um ambiente de diálogo entre os mesmos e os pesquisadores. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, com o número de protocolo CAAE: 50880615.3.0000.5404.

Os dados qualitativos obtidos foram organizados e analisados por meio da Análise de Conteúdo conforme estabelece Bardin³⁵. Esse procedimento metodológico, de acordo com Souza, Melo e Santiago³⁶ utiliza fontes escritas ou transcritas para análise de dados e tem sido muito utilizado em pesquisas qualitativas em Educação Física escolar. Como orienta Bardin³⁵, o processo de análise seguiu três etapas: a organização das ideias iniciais e das informações obtidas; realização de "leituras flutuantes", caracterizada pelo contato inicial com as fontes; e, separação das informações em blocos de conteúdo. Na segunda etapa, as respostas dos questionários foram categorizadas, na qual os elementos em comum são classificados e agrupados de acordo com os critérios previamente definidos.

Seguindo esse processo, primeiramente categorizamos os professores, separando aqueles que ensinavam daqueles que não ensinavam as atividades circenses em suas aulas de Educação Física. Posteriormente, baseado nas respostas do grupo que ministrava aulas de atividades circenses, criamos duas categorias principais de análise: "os professores" e "as aulas". Devido à grande quantidade de informações foram elaboradas sub-categorias. Os resultados foram interpretados a partir do agrupamento das unidades de registro ou blocos de conteúdo, nas unidades de contexto (categorias analíticas), conforme Benites *et al.*³⁷. Em relação aos professores que não ensinavam atividades circenses realizamos apenas uma pergunta com a finalidade de ter um breve panorama do motivo pelo qual eles não ensinavam a temática em suas aulas. Por outro lado, os dados quantitativos foram analisados por meio de Estatística Descritiva, utilizando gráficos, médias e frequências, conforme as orientações oferecidas por Morettin e Bussab³⁸.

Resultados

Esta pesquisa contou com a participação de 26 professores com idade média de 39 anos, sendo que o mais jovem tinha 22 anos e o mais velho 52 anos. Como mencionado anteriormente, a cidade em questão conta com 40 escolas municipais e os professores que participaram de nosso estudo se encontram distribuídos em 17 (42%) delas, reforçando a representatividade da amostra. Vale destacar que 4 professores não declararam a qual escola estavam vinculados.

Verificamos que 13 professores (50%) relataram abordar as atividades circenses em suas aulas de Educação Física. Os demais relataram não ensinar. Considerando os objetivos deste estudo, focamos na análise dos questionários daqueles professores que responderam positivamente quanto ao ensino das atividades circenses.

Os professores

Dos 13 professores analisados, sete (54%) indicaram ter realizado ao menos um curso ou uma oficina de curta duração sobre o tema; três (23%) realizaram um curso de formação continuada oferecido pela Prefeitura Municipal de Campinas-SP; e outros três (23%) relataram não possuir formação alguma na temática. Três docentes explicitaram outras formas de vivências durante a formação inicial, em projetos de extensão, disciplinas curriculares, congressos e outras atividades acadêmicas.

No que concerne ao tempo que os professores ministram aulas que incluem as atividades circenses seis (46%) indicaram terem iniciado de seis meses a dois anos; três (23%) de dois a cinco anos; três (23%) de cinco a dez anos; e apenas um (8%) de dez a quinze anos.

Em relação aos materiais de apoio (fontes/referências) utilizados pelos professores para preparar as aulas (Figura 1), vemos que, entre os materiais mais utilizados estão os vídeos (internet), seguidos pelos livros e imagens (também obtidas na internet).

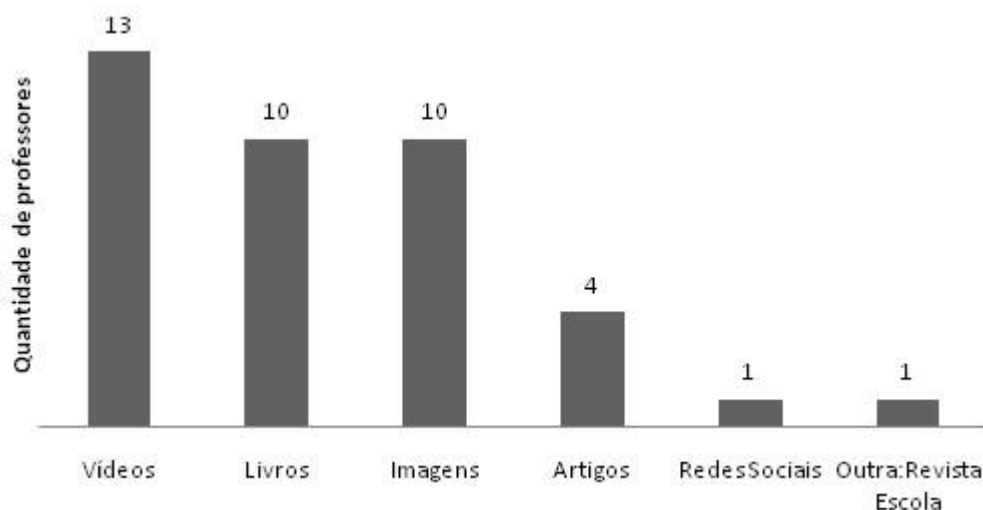


Figura 1. Referências utilizadas pelos professores de educação física para o planejamento das aulas sobre atividades circenses.

As aulas

Com relação aos espaços disponíveis para as aulas os docentes relataram poder utilizar ao menos uma quadra poliesportiva, em alguns casos com cobertura. Oito (61%) deles, também usavam outros espaços, cobertos ou não, como o pátio da escola, parque e campo de areia/grama. Além disso, sete (53%) professores relataram utilizar espaços internos para ministrarem as aulas de atividades circenses, dentre eles, sala de aula, sala de vídeo, sala de Educação Física e sala de informática.

Sobre os motivos que levaram os docentes a abordar as atividades circenses, obtivemos três tipos de respostas:

- a) Conhecimento da Educação Física: respostas que justificaram as atividades circenses na escola por representarem um conhecimento pertinente e que, portanto, pode ser abordado nas aulas;
- b) Aspectos transversais: respostas que justificaram as atividades circenses por contribuírem para o processo educativo de modo transversal (valores, outras competências, ...);
- c) Outros: respostas que justificaram por outros motivos, como a diversificação de conteúdos e a motivação dos alunos.

A maioria das respostas apontou que as atividades circenses fazem parte da "cultura corporal de movimento", cuja relevância histórica deve ser reconhecida e tratada pela Educação Física. O Professor 13, por exemplo, apontou optar pelas atividades circenses por acreditar que se trata de um patrimônio cultural da humanidade, sendo assim, responsabilidade da Educação Física abordá-la, de maneira reflexiva, na escola.

Alguns professores relataram que as atividades circenses contribuem para a Educação Física, pois fomentam a criatividade, ludicidade, elementos históricos, elementos culturais, elementos de inclusão, cidadania, capacidades

físicas, apreciação da cultura, cooperação, expressão corporal, educação estética, reflexão, envolvimento nas aulas, entre outros. Podemos citar o Professor 9 que indicou que é preciso fomentar a apreciação da cultura e contribuir para uma Educação Física mais criativa.

De acordo com as respostas dos participantes, sustenta-se ainda que as atividades circenses podem proporcionar diversificação dos conteúdos nas aulas, como explicou o Professor 7: "uma alternativa para explorar e vivenciar novas possibilidades de movimento". Por outro lado, o Professor 10 apontou que prefere diversificar as suas aulas, possibilitando oportunidades para que todos os alunos encontrem, em algum momento, uma prática que gostem e que sintam prazer em realizá-la.

Os grupos de modalidades circenses abordadas nas aulas conforme disposto na Figura 2 foram organizadas conforme a classificação proposta por Duprat; Bortoleto³⁹ e Ontañón *et al.*¹⁹.

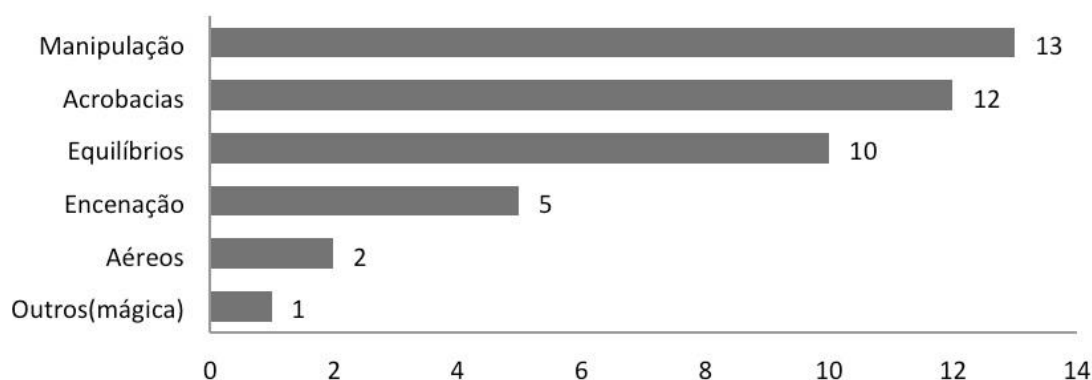


Figura 2. Modalidades circenses abordadas nas aulas de Educação Física.

Cabe dizer que em cada grupo os professores abordavam diferentes modalidades. Na categoria “Manipulação de objetos” os professores disseram que desenvolvem atividades com bolinhas, barangandão, bexiga, tules, bola de jornal, meia, bambolê, claves, diabolô, *devil stick*, *swing-poi*, aros, prato-chinês e bastões. No que tange a “Acrobacia” disseram que trabalham com acrobacias individuais (solo) e coletivas (acrobática) e três (23%) especificaram que utilizam mini-trampolim e/ou *jump*.

Com a modalidade de “Equilíbrios” os professores participantes abordavam a ideia da corda-bamba, utilizando materiais como, *slackline*, cordas e bancos, além disso, outros materiais são utilizados nesta aula: rola-rola, perna de pau e pé de lata. Para as aulas de “Encenação” alguns elementos do repertório do palhaço foram indicados, especialmente jogos *dramáticos* e de mímica. Para aulas de “Aéreos”, apenas um professor informou abordar o tecido acrobático e o trapézio. Outro professor respondeu realizar atividades de mágica, sem especificar que tipo de atividades desenvolvia.

As modalidades circenses indicadas acima foram escolhidas adotando critérios diversificados, elaborados individual ou coletivamente, isto é, pelo próprio docente ou em conjunto com outros companheiros, direção e/ou com seus alunos. A partir desses critérios e lembrando que cada professor pode ter tido mais do que um critério, verificamos que sete (53%) professores escolheram as modalidades de acordo com o conhecimento prévio dos alunos; cinco (38%) a partir da complexidade e adaptação das modalidades, do conhecimento do próprio professor e de acordo com os recursos disponíveis; e, apenas três (23%), realizaram pesquisas prévias para escolherem as modalidades a serem abordadas.

Quanto aos materiais utilizados nas aulas de atividades circenses, encontramos que eles foram comprados pela escola, confeccionados em aulas ou ainda, adaptados e/ou emprestados do próprio professor. O Professor 13, por

exemplo, disse: "Utilizo o que há na escola (bambolês, bolas, cordas, bancos), mas também os construo com as/os alunas/os (malabares, por exemplo)". Verificamos que 10 (76%) professores disseram ter materiais comprados pela escola; nove (69%) confeccionaram nas aulas junto com os alunos e com materiais comprados pela instituição; cinco (38%) utilizavam outros materiais da escola, adaptando-os para às atividades circenses; e um (8%) informou emprestar o seu próprio material para as aulas.

Todos os professores informaram que utilizam colchões como medida de segurança, sendo que 10 (76%) deles informaram usar colchonetes (colhões pequenos e finos); nove (69%) colchão de queda (popularmente denominados de "gordo"); e dois (15%) usavam *sarneiges*, colchões elaborados de espuma aglomerada de alta densidade, lona impermeável e resistente, comumente utilizados para a prática da Ginástica Artística.

Dentre os professores que não ensinavam as atividades circenses em suas aulas verificamos que nove (69%) não ensinavam porque não conhecem ou não saberiam ensinar; três (23%) responderam que não ensinavam por falta de material, falta de referencial teórico e ausência do conteúdo no planejamento anual da escola; dois (15%) por preferirem outros conteúdos da Educação Física. Destacamos que cada professor poderia responder mais do que uma opção.

Discussão

A quantidade de professores participantes nesse estudo nos proporcionou um panorama significativo em relação aos objetivos propostos. Inicialmente percebemos que a maioria dos professores que ensinavam as atividades circenses em suas aulas tinha menos de 39 anos (idade indicada como média na amostragem total), característica também identificada pelo estudo realizado por Milani²⁸. Esse dado sugere que os professores licenciados após o ano de 2000 têm maior proximidade com o tema¹. De fato e de acordo com Silva⁴⁰ e Ontañón, Duprat e Bortoleto¹², notamos um significativo aumento de trabalhos acadêmicos que relatam o ensino das atividades circenses no âmbito escolar nos últimos 20 anos, período que coincide em grande medida com o observado no presente estudo. Talvez a maior disponibilidade de literatura específica e ainda, o maior acesso durante a formação inicial venha favorecendo os professores mais jovens. Vale lembrar que o ensino do circo na formação inicial e em cursos de formação continuada também vem crescendo nos últimos anos^{32,41,42}. Estudos recentes que descrevem planos de aulas e intervenções que abordam as atividades circenses¹⁰ também podem ser considerados exemplos para professores que gostariam de ampliar a temática em suas aulas.

Vimos que todos os professores relataram usar vídeos obtidos na internet como fonte para o planejamento e desenvolvimento das aulas. Livros, imagens/fotografias e artigos também apareceram como fontes importantes. Esses dados sugerem que há um maior acesso às fontes disponíveis na internet, com inúmeras possibilidades para a disseminação do conhecimento, sendo um poderoso instrumento educativo se usado com inteligência e criticidade^{43,44}, que precisa ser melhor explorado por pesquisadores na área.

Nesse sentido, existem *sites* especializados no circo, este é o caso do Circonteúdo⁴⁵, base de dados que disponibiliza centenas de contribuições (trabalhos de conclusão, artigos, teses, reportagens,...) que podem ajudar aos professores de Educação Física a ampliar seus conhecimentos sobre o tema⁴⁵. Esse tipo de site não foi mencionado pelos professores consultados.

Um aspecto interessante para a escola e para as aulas de Educação Física, é que as atividades circenses podem ser trabalhadas em diversos locais. Em concordância com Duprat e Gallardo³, elas podem ser desenvolvidas em locais externos e/ou internos, dependendo da atividade e o objetivo que o professor pretenda desenvolver. Os professores participantes relataram utilizar diferentes espaços para suas aulas, como quadras poliesportivas, pátios da escola,

⁹Uma limitação do estudo foi não questionar o ano de formação superior dos participantes.

parques e campos de areia/grama. Além desses locais, espaços internos (sala de aula, sala de vídeo, sala de Educação Física, sala de informática) também foram utilizados.

Os professores não mencionaram ou especificaram as referências teóricas ou autores que utilizaram, contudo, notamos por meio de suas respostas que existia uma perspectiva cultural abordada, embora o uso da expressão "cultura" foi mencionado nas respostas de maneira superficial. Daolio⁴⁶ aponta que a utilização do termo "cultura" parece fazer parte da Educação Física, no entanto, em ocasiões pode embutir sentidos equivocados ou incompletos. De acordo com a revisão de literatura, a maioria dos trabalhos publicados sobre as atividades circenses na escola abordam a temática pela perspectiva histórico-crítica, justificando a presença destas atividades nas aulas por meio de referências com viés crítico e cultural.

A partir das características transversais das atividades circenses apontadas pelos professores, vemos que os mesmos veem nessas práticas um conhecimento atrativo que pode trazer diversos aprendizados aos alunos, como a cooperação, expressão corporal e apreciação da cultura. Essas e outras características atribuídas às atividades circenses são corroboradas por diversos estudos recentes^{1,3,5,14-16,39}.

De acordo com as outras respostas dos participantes, vemos que as atividades circenses podem proporcionar diversificação nas aulas de Educação Física, possibilitando aos alunos a experimentação e vivência de diferentes práticas corporais, e acessando um repertório vasto que permita que no futuro, possam escolher o que mais gostam. Além disso, nas próprias atividades circenses, percebemos a diversificação de conteúdos e é isso que exerce imenso fascínio no público e praticantes deste conhecimento¹.

Devido a esta diversificação vemos que diferentes autores já expuseram distintas taxonomias, isto é, classificações das especialidades circenses em grupos/famílias de modalidades^{3,4,19,39}. Neste estudo, optamos por adaptar as propostas de Duprat e Bortoleto³⁹ e Ontañón *et al.*¹⁹, apresentando desse modo as modalidades em seis grupos, a saber: Acrobacias, Manipulação de objetos (malabares), Equilíbrios, Aéreos, Encenação e Outros, taxonomias que, em nossa opinião, ajudam no processo de sistematização/planejamento das aulas.

Os professores da pesquisa responderam que realizavam as aulas de atividades circenses de maneira diversificada, se atentando as diferentes práticas do circo. Apesar disso, eles não desenvolviam todas as modalidades circenses, o que nos faz pensar que, talvez eles não conheçam todas essas modalidades, ou não saberiam ensinar. Ontañón¹⁷ aponta em seu estudo que, apesar das inúmeras opções, a literatura se limita a apresentação de experiências a partir de poucas modalidades: malabares, acrobacias e equilíbrios. De acordo com Duprat e Gallardo¹, as modalidades que necessitam de pouca infraestrutura são consideradas as de mais fácil aplicabilidade na escola. Como é o caso dos professores participantes, em que a maioria optou por trabalhar, principalmente, com os malabares e acrobacias, seguido dos equilíbrios e encenação.

Outros estudos se preocupam com a acessibilidade de outras modalidades circenses no contexto escolar. Como, por exemplo, o trabalho de Silva⁴⁷, que discutiu a inserção de uma modalidade aérea (Tecido Acrobático) na escola. Ontañón *et al.*¹⁹, alegam que algumas atividades que fazem parte da cultura e da tradição do circo apresentam maior risco à integridade física (globo da morte, homem-bala, atirador de facas, etc.) podem ser trabalhadas por meio de observação de vídeos ou até vivenciadas por meio de jogos simbólicos¹⁹. Bortoleto²³ aponta que entre 2004 e 2010 em conjunto com outros pesquisadores, foram elaborados diversos "jogos circenses" que se tornaram excelente facilitadores para a introdução dessas práticas no âmbito escolar^{16,48,49}.

Desse modo, destacamos que a possibilidade de vivenciar a diversidade circense se limita, principalmente, na criatividade e inventividade do professor¹⁷. Dessa maneira, acreditamos que a escolha dos conteúdos a serem abordados não deve limitar-se aos espaços ou materiais disponíveis, dependerá do professor procurar soluções e adaptações para a realização de atividades diversas e, porque não, da implicação dos alunos na busca de soluções. Verificamos que, a

maioria dos professores optou por ensinar atividades a partir do conhecimento prévio dos alunos; de acordo com Duprat e Gallardo¹, o professor pode e deve indagar seus alunos sobre as experiências motrizes e cognitivas que possuem sobre o tema da aula. Assim, pensamos que o conhecimento ocorre a partir do ato educativo, entre intersecção de informações oferecidas pelo professor e experiências dos alunos.

Percebemos que, no caso das atividades circenses, os materiais são importantes para o desenvolvimento das aulas, mas, a falta deles, não é necessariamente uma questão limitante¹. Na literatura estudada, notamos que o professor consegue ministrar uma aula de atividades circenses sem material algum ou com materiais alternativos e/ou confeccionados⁵⁰. Como demonstra o estudo de Milani²⁸, vemos que os professores geralmente percebem a falta de material específico como um fator limitante para as aulas de atividades circenses, no entanto, e de acordo com Lopes e Parma⁵⁰, é possível se adaptar à falta de material mediante a construção de materiais circenses.

Acreditamos que a confecção de aparelhos circenses vai além da utilização de materiais alternativos e de baixo custo e concordamos com Lopes e Parma⁵⁰ em que a construção possibilita a aproximação de todos a uma das características historicamente presentes no universo do circo: a criação e confecção de suas próprias ferramentas de trabalho. No ambiente escolar, a confecção de materiais aproxima o aluno de uma prática histórica⁵⁰ e pode despertar uma atitude de valorização e zelo pelo aparelho, uma vez que é concebido pelo aluno participante desse processo educativo^{10,50}.

Outra questão abordada foi o cuidado e a segurança dos alunos ao realizarem as atividades circenses: sabemos que o circo tem como uma de suas características o risco, este elemento pode estar relacionado diretamente ao perigo se não for controlado. Assim, entendemos a segurança como um estado de baixo risco, de otimização do controle do risco e, por conseguinte, de menor probabilidade de ocorrência de acidentes⁵¹. Ao realizar acrobacias de solo, por exemplo, mesmo as mais simples, os professores precisam estar atentos à segurança dos alunos e ensiná-los em um espaço adequado, com a utilização de colchões e de maneira gradual, para que o aluno aprenda a maneira mais segura de realizar o movimento. De acordo com Ferreira, Bortoleto e Silva⁵¹, o colchão é um equipamento indispensável, com destaque para o colchão de queda (colchão gordo) e de acrobacias de solo (*sarneige*).

Sobre esse aspecto, verificamos que todos os professores indicaram utilizar colchões como medida de segurança. Além disso, um professor escreveu que utilizava uma corda de segurança quando trabalhava atividades de equilíbrio no *slackline*, na qual ele amarrava ao lado e ao longo do aparelho, para que os alunos pudessem apoiar-se com as mãos enquanto atravessavam; sobre este tipo de ajuda, encontramos um procedimento similar no capítulo quatro ("Arame Fixo") do livro "Introdução à Pedagogia das Atividades Circenses - Volume II"¹⁵.

Pensando nos professores que não ensinavam as atividades circenses nas aulas de Educação Física, verificamos que a maioria não conhecia ou não saberia ensinar e, dois professores, destacaram que optavam por outros temas. Acreditamos que isso pode ocorrer devido ao leque de possibilidades que a Educação Física pode abordar nas aulas e considerando documentos federais e municipais² que norteiam os professores. Dessa maneira, cabe aos professores selecionarem os temas dentro dos conteúdos a serem desenvolvidos nas aulas. De forma geral, vemos que os professores costumam se sentir inseguros em relação ao ensino do circo¹⁷.

Por outro lado, obtivemos a resposta de três professores, que diziam não abordar o circo por falta de referencial bibliográfico, falta de material e/ou pela ausência no planejamento anual. Ao longo deste estudo, viemos apresentando diversas fontes e referências que discorrem sobre as atividades circenses na escola, que mostram relatos de experiência, unidades temáticas e exemplos de atividades e jogos a serem abordados nas aulas de Educação Física. Acreditamos que essas referências possam auxiliar os professores que não ensinam por falta de referências bibliográficas. Para completar,

^bO documento das Diretrizes Curriculares da cidade de Campinas-SP⁵² apenas cita o Circo enquanto um local/espço de atividades físicas.

destacamos o site Circonteúdo, que abrange e disponibiliza dezenas de trabalhos sobre circo e que podem ser adaptados e abordados no planejamento dos professores. Além disso, indicamos estudos que mostram como os materiais circenses podem ser facilmente confeccionados pelas próprias crianças nas aulas de Educação Física⁵⁰ e como outros materiais da escola podem ser adaptados às atividades circenses.

Conclusões

O que acontece quando a Educação Física escolar e a arte do picadeiro se encontram? Em geral, crianças e adolescentes desfrutarem das potencialidades lúdico-estéticas das atividades circenses, e por outro lado, os professores encontram uma nova oportunidade para potencializar os aprendizados sobre a cultura e os saberes circenses. Já as escolas aumentam suas possibilidades de formarem cidadãos críticos e sensíveis à arte e ao circo.

Nesta oportunidade, realizamos um estudo com professores da rede municipal de Campinas-SP e buscamos analisar o ensino das atividades circenses nas aulas de Educação Física. O grupo de professores participantes representou 42% das escolas municipais da cidade. Isto indica que o estudo apresenta um panorama significativo da realidade dentro das escolas do município. Apesar desta porcentagem, vemos que um maior número de participantes permitiria análises mais completas do ensino das atividades circenses nas escolas, e por isso, acreditamos na necessidade de estudos que aprofundem e contrastem os resultados obtidos.

A pesquisa indicou que são várias as escolas que incluem as atividades circenses entre os conhecimentos abordados pela Educação Física. Dentre os 26 professores participantes, 13 deles abordavam este conhecimento em suas aulas. Na maioria dos casos, as fontes de informação para o planejamento das aulas mais utilizadas foram vídeos/imagens da internet e livros. Neste sentido, notamos que a internet vem contribuindo para a popularização e para o processo de inclusão das atividades circenses nas aulas de Educação Física e este fato merece duas considerações: a primeira diz respeito ao cuidado com o que os professores devem aceder às informações disponíveis na internet, procurando sempre acessar os conteúdos que estejam referenciados ou que tratem sobre experiências pedagógicas já consolidadas; em segundo lugar, se faz necessário que a comunidade científica procure disseminar e democratizar os estudos e avanços realizados na área para que os professores possam acessar facilmente aos conhecimentos produzidos e assim poderem por em prática os mesmos em suas aulas.

Neste artigo buscamos também apresentar diferentes propostas, referenciais teóricos e materiais que podem ser utilizados nas aulas de Educação Física escolar, além de apresentar as modalidades circenses que mais apareceram nas aulas e de que maneira os professores as selecionaram. A partir das respostas dos participantes obtivemos que todos ensinavam as manipulações, seguido das acrobacias e dos equilíbrios. Por outro lado, um ponto importante que buscamos apresentar foi a importância da variação das modalidades circenses. Ao longo do texto mostramos diversas opções que podem ser abordadas em aulas, deixando o convite aos professores a experimentarem novos caminhos, mesmo de maneira adaptada, aproveitando assim o potencial simbólico que o circo desperta nas crianças.

Os resultados deste estudo coincidem com relatos encontrados na literatura, reforçando a defesa do ensino das atividades circenses na Educação Física escolar. Pensamos que a inserção das atividades circenses na escola já pode ser considerada uma realidade no Brasil, cujas particularidades de cada escola, cada docente, cada estado, cada região precisa ser analisada visando maiores detalhamentos e, como isso, a consolidação dessa temática na área. Destacamos ademais que as atividades circenses não são mencionadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que orienta a organização dos currículos de escolas em todo o país, razão que pode dificultar a sensibilização dos professores no que se refere a essa temática. Dessa maneira, acreditamos que outros estudos são necessários para uma discussão nesse sentido.

Enfim, acreditamos que este estudo possibilita uma aproximação entre a pesquisa acadêmica e os professores que estão pondo “a mão na massa” e esperamos que os resultados e discussões aqui presentes possam contribuir para o planejamento de aulas que abordem o circo como conhecimento. Esperamos ainda que este estudo possa influenciar o trabalho de pesquisadores interessados nas atividades circenses que pretendam realizar pesquisas da mesma natureza e de maneira mais ampla.

Agradecimentos

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo suporte parcial da pesquisa que originou esta publicação. Agradecemos também aos professores da rede Municipal de Campinas-SP, por aceitarem voluntariamente participar desta referida pesquisa.

Referências

1. Duprat RM, Gallardo JSP. Artes Circenses no âmbito escolar. Ijuí: UNIJUÍ; 2010.
2. Price C. Circus for Schools: Bringing a Circo Arts Dimension to Physical Education. PHEnexJournal/ Revuephén EPS. 2012; 4(1).
3. Invernó J. Circo y Educación Física: otra forma de aprender. Barcelona: INDE, 2003.
4. Bortoleto MAC, Machado GA. Reflexões sobre o Circo e a Educação Física. *Corpoconsciência*. 2003; 2(12): 36-69.
5. Fouchet A. Las Artes del Circo: Una aventura pedagógica. Buenos Aires: Editorial Stadium, 2006.
6. Duprat RM, Ontañón TB, Bortoleto MAC. Atividades Circenses. In: González FJ, Darido SC, Oliveira AAB. organizador. Ginástica, dança e atividades circenses. Maringá: Editora UEM (EDUEM); 2014. 3 v. p.119-157. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/arquivos/snelis/segundoTempo/livros/ginasticaDancaAtividades.pdf>/ [2016 jul 28].
7. Miranda RCF, Ayoub E. As práticas circenses no “tear” da formação inicial em educação física: novas tessituras para além da lona. *Movimento*. 2016; 22(1): 187-198.
8. Hauffe MK, Góis Junior E. A Educação Física e o funâmbulo: entre a arte circense e a ciência (século XIX e início do século XX). *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*. 2014; 36(2): 547-559.
9. Soares CL. Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX - 3. ed. Campinas(SP): Autores Associados; 2005.
10. Zanotto L, Souza Júnior OM. Atividades circenses na Educação Física: transformando a escola em picadeiro. *Corpoconsciência*. 2016; 20(2): 23-32.
11. Ontañón TB. Atividades circenses na educação escolar: equilíbrios e desequilíbrios pedagógicos. [Dissertação de Mestrado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2012.
12. Ontañón TB, Duprat RM, Bortoleto MAC. Educação Física e Atividades Circenses: O estado da arte. *Revista Movimento*. 2012; 18(2).
13. Bortoleto MAC. Atividades Circenses. In: González FJ, Fensterseifer PE. *Dicionário Crítico de Educação Física*. Dicionário Crítico de Educação Física. 3. ed. 2014. p. 60-64.
14. Bortoleto MAC. Introdução á pedagogia das atividades circenses. Jundiaí: Fontoura; 2008.
15. Bortoleto MAC. Introdução à pedagogia das atividades circenses. 2. v. Várzea Paulista: Fontoura; 2010.
16. Bortoleto MAC, Pinheiro PHGG, Prodócimo E. Jogando com o circo. Várzea Paulista: Fontoura; 2011.
17. Ontañón TB. Circo na escola: por uma educação corporal, estética e artística. [Tese de Doutorado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2016.
18. Silva DO, Souza A, Telles C, Krug HN, Kunz E. Atividades circenses na escola: caminhos à organização didática a partir da concepção crítico-emancipatória. *Licere*. 2016; 19(1).
19. Ontañón TB, Rodrigues GS, Spolaor GC, Bortoleto MAC. O papel da extensão universitária e sua contribuição para a formação acadêmica sobre as atividades circenses. *Pensar a Prática*. 2016; 19(1): 2016.
20. Correo De La Unesco, 1988. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/es/unesco-courier/> [2016 jul 28].

21. Brasil. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes curriculares nacionais: educação básica. Brasília; 2010.
22. Hotier H. La fonction éducative du cirque, texts rassemblés et présentés. Paris: L'Harmattan; 2003.
23. Bortoleto MAC. Atividades circenses: notas sobre a pedagogia da educação corporal e estética. Cadernos de Formação RBCE. 2011; 2(2): 43-55.
24. Ontañón TB, Bortoleto MAC, Silva E. Educación corporal y estética: las actividades circenses como contenido de la educación física. Revista Iberoamericana de Educación. 2013; 62: 233-243.
25. Triviños ANS. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas; 1992.
26. Kidder LH. Métodos de pesquisa nas relações sociais: delineamentos de pesquisa. São Paulo: EPU; 1987.
27. Duprat RM. Atividades circenses: possibilidades e perspectivas para a Educação Física escolar. [Dissertação de Mestrado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2007.
28. Milani CS. O circo na educação física escolar: representações no distrito de Barão Geraldo. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2015.
29. Sebire SJ, Standage M, Vansteenkiste M. Development and Validation of the Goal Content for Exercise Questionnaire. Journal of Sport & Exercise Psychology. 2008; 30: 353-377.
30. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. População da cidade de Campinas-SP; estimativa de 2016. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=350950> [2016 nov 21].
31. CAMPINAS-SP (Cidade-Estado) Atuação da Secretaria Municipal de Campinas-SP. Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/governo/educacao/naeds/index.php>. [2016 mar 22].
32. Bortoleto MAC, Celante AR. O ensino das atividades circenses no curso de Educação Física: experiências na universidade pública e privada. In: Elizabeth MAP, Celani G, Dora M, Grassi-Kassisse, organizadores. Inovações curriculares: experiências no ensino superior. Campinas-SP: FE-UNICAMP; 2011. p. 178-190.
33. Bortoleto MAC, Duprat RM, Tucunduva BBP. As atividades circenses na FEF-UNICAMP: a construção de uma nova área de estudos e pesquisa. In: Bortoleto MAC, Ontañón TB, Silva E, organizadores. Circo: Horizontes educativos. Campinas: Autores Associados; 2016. p. 225-257.
34. Domingos MGFG. O ensino da Ginástica nas escolas de Campinas - SP: Presenças e Ausências. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2015.
35. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2011.
36. Souza Junior MBM, Melo MST, Santiago ME. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação Física Escolar. Revista Movimento. 2010; 16(13): 31-49.
37. Benites LC, Nascimento JV, Milistetd M, Farias GO. Análise de conteúdo na investigação pedagógica em educação física: estudo sobre estágio curricular supervisionado. Revista Movimento. 2016, 22(1): 35-50.
38. Morettin PA, Bussab W. Estatística Básica. 5. ed. São Paulo: Saraiva; 2004.
39. Duprat RM, Bortoleto MAC. Educação Física Escolar: Pedagogia e didática das atividades circenses. RBCE. 2007; 28(2): 171-190.
40. Silva E. O novo está em outro lugar. Artigo publicado in Palco Giratório, 2011: Rede Sesc de Difusão e Intercâmbio das Artes Cênicas. SESC, Departamento Nacional. 2011. p. 12-21.
41. Fernandes RC. Do tecido à lona: as práticas circenses no “tear” da formação inicial em educação física. [Tese de Doutorado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2014.
42. Tucunduva BBP. O circo na formação inicial em educação física: inovações docentes, potencialidades circenses. [Tese de Doutorado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2015.
43. Mercado LL. Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática. Maceió: EDUFAL; 2002.
44. Moran JM. Como utilizar a internet a educação. Relatos de experiência. Revista Ciência da Informação. 1997; 26(2).
45. Circonteúdo. 2009. Visão institucional do site. Disponível em: http://www.circonteudo.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1820&Itemid=269 [2016 mai 28].
46. Daolio J. Educação física e o conceito de cultura. Campinas, SP: Autores Associados; 2004.
47. Silva MR. O tecido circense como prática corporal na escola: experiências e perspectivas. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2014.

48. Bortoleto MAC. Circo y educacion física los Juegos Circenses como recurso pedagógico. *Rev. Stadium*. 2006; 195: 5-15.
49. Rodrigues GS, Prodócimo E, Ontañón TB. Circo coragem: o jogo estratégia de ensino das atividades circenses. *NUANCES: Estudos sobre Educação*. 2016; 27(1).
50. Lopes DC, Parma M. Construção de malabares passo a passo. Várzea Paulista, SP: Fontoura; 2016.
51. Ferreira DL, Bortoleto MAC, Silva E. Segurança no circo: questão de prioridade. Várzea Paulista, SP: Fontoura; 2015.
52. Campinas. Diretrizes Curriculares da Educação Básica para o Ensino Fundamental – Anos Iniciais: Um processo Contínuo de Reflexão e Ação. Prefeitura Municipal de Campinas, Secretaria Municipal de Educação, Departamento Pedagógico / organização e coordenação: Heliton Leite de Godoy. Campinas, SP: 2012.